



SAÚDE COMUNITÁRIA E EPIDEMIOLOGIA

Leandro Pires Silva Filho¹
Igor Gonçalves Almeida²
Zaqueu Henrique de Souza³

RESUMO: Durante a história brasileira o sistema único de saúde foi sendo implantado aos poucos, passando por fases de exclusão social e falta de recursos financeiros decorrente de uma má administração militar com gastos excessivos em projetos desnecessários. Após esse período, a saúde passou por junções dos programas de saúdes existentes, até que surgiu o SUS como sistema integrado e universal. Nesse sistema os estudos e análises epidemiológicas são importantes para determinar os planos de ações no controle, promoção e prevenção de doenças. A importância desse estudo para a saúde pública está presente na discussão neste texto.

Palavras-chave: epidemiologia, estudos e saúde, saúde pública, Sistema Único de Saúde (SUS).

Eixo Temático: Ciências Biológicas e Saúde.

INTRODUÇÃO:

Entre 1500 e 1808 não existiam médicos, apenas boticários. Em 1808 na Bahia e no Rio de Janeiro foram inauguradas duas faculdades de medicina. No ano de 1904, Rodrigo Alves detectou um quadro de epidemia que causava perda de dinheiro, já que os navios não atracavam nos portos brasileiros com medo de tal doença. Desse modo, ele contratou Osvaldo Cruz para o chefe do departamento de saúde pública brasileira. Osvaldo criou as primeiras campanhas pró-saúde, porém eram de cunho punitivo e não preventista, como exemplo era a queima de roupas e colchões de pessoas que apresentavam estar infectadas. Nesse contexto, foram desenvolvidas as vacinas, mas com medo da forma das campanhas passadas, a população não aceitou a aplicação de algo que não conheciam e ninguém as explicou o real sentido de tudo o que estava acontecendo. Assim, começaram as revoltas populares contra a ação comandada por Osvaldo Cruz, isso ficou conhecida como revolta da vacina. Mais tarde, Carlos Chagas foi nomeado chefe do DSP - departamento de saúde pública. Esse começou uma campanha explicativa e não punitiva, desenvolvendo projetos que mostrava a importância de fazer a higienização pessoal e a necessidade de vacinas na prevenção de doenças epidêmicas. Foi Carlos Chagas que começou a Educação da Saúde, através do ato de Prevenir.

Nesse sentido, o estudo epidemiológico é de extrema importância no controle de epidemias. Mas, para chegar-se nesses tipos de estudos foram necessárias as criações de instituições voltadas para o controle e fiscalização do meio ambiente. Isso ocorreu durante a década de 70, com a Fundação da Companhia Estadual de Engenharia do Meio Ambiente (FEEMA). Entretanto, essas instituições estavam voltadas para o controle de população e não relacionada diretamente com a saúde.

Foi na década de 80 que a preocupação com a saúde começou a aumentar, então houve a descoberta da relação do meio ambiente com as patologias presentes na sociedade. Portanto, a partir daí a epidemiologia passou a fazer parte dos planos no controle das doenças no SUS e ser peça chave no controle dessas moléstias.

Metodologia

O resumo expandido foi realizado através do referencial teórico, o qual foi realizada a leitura cinco artigos científicos que continha estudos epidemiológicos que comprovam a importância do epidemiologia na saúde pública em relação ao ambiente populacional. Além disso, foi utilizado um trabalho realizado pela Fundação Jorge Duprat Figueiredo de Segurança e Medicina do Trabalho para fonte de pesquisa sobre as consequências do mercúrio na saúde humana. Após a leitura, foi feita uma análise de tais textos para chegar a conclusão da relação epidemiológica com a saúde social da comunidade.

Resultados e discussão

Para Saldivar (1995), no Brasil, as principais questões ambientais relacionadas com as condições de saúde incluíram o aumento da poluição atmosférica nas grandes cidades e sua relação com a morbidade e mortalidade, notadamente dos idosos (Saldivar et al., 1995), o que comprova a relação do ambiente com a causa ou manifestação de doenças, não só aquelas transmitidas através de vetores, mas também por consequências do meio onde o homem está inserido, que pode ser a exposição a agentes poluentes radioativos ou não. Veja o estudo e seus resultados realizados por Câmara e Santos (1997):

“Exposição da população ao mercúrio, pode-se citar que populações ribeirinhas da bacia hidrográfica do Rio Tapajós, Estado do Pará, e expostas ao metil-mercúrio, apresentaram teores de mercúrio no cabelo, que alcançaram, para um valor de

referência de 6 µg/g, até 90,4 µg/g (Santos, 1997). Quanto à poluição intradomiciliar por este metal, Câmara et al. (1997) encontraram em populações urbanas da cidade de Poconé, Estado de Mato Grosso, e não ocupacionalmente expostas, teores de mercúrio na urina que atingiram até 102 µg/L. Nas casas das mesmas pessoas que apresentavam concentrações elevadas do metal na urina, foram obtidos também os maiores valores de mercúrio em solos (9,8 µg/g) e em poeira da casa (100,8 µg/g)”.

Isso mostra que o estudo epidemiológico é de extrema importância para gerar dados da expansão da contaminação e seus efeitos sobre o organismo humano, os quais são neurotoxicidade como tremores; insônia e dores de cabeça, cardiovasculares, sobre as glândulas tireóideas dentre outros.

Outro ponto sobre o quanto os dados gerados são importantes para as estratégias de saúde é enfatizada no trecho do artigo de Barcellos para a Revista de Saúde Pública:

“Uma das tarefas primordiais para o estudo da relação entre ambiente e saúde é a seleção de indicadores para esses níveis de manifestação dos problemas ambientais. Esses componentes devem estar combinados para que se defina uma estratégia eficaz para a prevenção ou redução do impacto dos problemas ambientais sobre a saúde”.

Para realizar tais estratégias de controle para a promoção ou prevenção de saúde, Thacker (1996) desenvolveu uma sequência de métodos, que consiste em identificar as fontes de risco, a presença dos agentes de risco e sua dinâmica. Após isso relatar a exposição, presença de suscetíveis, o contato entre agentes e suscetíveis, produção de efeitos adversos. Ao final, deve chegar ao agravo a saúde e a produção de efeitos clínicos.

Para tais estudos serem realizados no sistema único de saúde é importante seguir os princípios organizacionais do SUS, como a regionalização e a descentralização que permite a autonomia da gestão para desenvolver tais estudos e pesquisas epidêmicas para um melhor resultado, já que os problemas relacionados a saúde são individuais para cada comunidade.

Para José Gondim (2002), em seu artigo “Epidemiologia, atividade física e saúde”, diz que no âmbito da saúde física relacionado com a epidemiologia, nas últimas três décadas trabalhos vem relacionando a aptidão física com um meio de promoção da saúde, prevenindo uma gama de doenças. Relaciona que altos níveis de atividade física diminuem os riscos de doenças acompanhadas de sedentarismo, como doença arterial, diabetes, coronariana, hipertensão. Um estudo desenvolvido relacionando atividade física e doença arterial coronariana, foi conduzido em Londres por MORRIS J.N. no ano de 1953, quando foram comparados diversos trabalhadores, como motoristas e cobradores dos ônibus de dois andares em na cidade de Londres. Observaram que atividades com gasto energético maior estavam

relacionadas com taxas de morte menores por doenças cardíacas coronarianas e doenças arteriais.

Um dos estudos epidemiológicos mais utilizados no SUS é o de Caso-controle que consiste na observação de grupos afetados e não afetados para chegar na exposição ou causa da moléstia apresentada por esses indivíduos. Logo, isso acontece por ser uma forma mais eficaz de detecção durante um surto ou epidemia de uma doença em certa comunidade. Um exemplo de tal processo é a situação de uma UBS que recebe diversos casos de diarreia durante curto período de tempo. Com isso é possível desenvolver um estudo caso-controle para chegar-se na origem de tal doença, podendo ser consequência de uma contaminação do ambiente/água/alimento.

Portanto, a saúde pública está relacionada com a epidemiologia da seguinte forma: o estudo estatístico da epidemiologia traz informação e conhecimento, dados e conceitos, origem e causas, grupos e áreas afetadas, tempo e qualidade dos estudos para a confiabilidade. Já a saúde pública está voltada para a preservação e recuperação dos homens e mulheres suscetíveis ou afetados por doenças presentes na sociedade, atualidade.

CONSIDERAÇÕES:

Levando em conta todos os estudos em artigo acima, é observado que a epidemiologia tem sido de fundamental importância, servindo como indicadora de níveis de manifestações de problemas ambientais relacionado à saúde pública. Desenvolvendo referências primordiais que norteará onde serão aplicados, para resolver com maior eficácia, os planos de saúde que atuarão na resolução de diversos problemas como os relatados nos estudos citados: contaminação por mercúrio e a falta de aptidão física acarretando doenças. Os indicadores não terá a principal função, embora faça, de curar e tratar a doença, mas sim atuar onde elas tiveram início. No caso da contaminação por mercúrio da população ribeirinha, será aplicado, um remanejamento dessa comunidade para um local com uma margem de risco segura. Como também nos motoristas e cobradores de ônibus, o caminho usado será aquele que perpassa a resolução do problema, como: exercícios que inibam os altos riscos de desenvolverem doenças relacionadas ao sedentarismo e não apenas o tratamento das mesmas. Devido esse papel de suma importância, a epidemiologia é um imenso pilar, sustentando a saúde pública por meio de indicadores que levaram um tratamento adequado para a população.

REFERENCIAS:

BARCELLOS, Christovam; QUITÉRIO, Luiz Antônio Dias. **Vigilância ambiental em saúde e sua implantação no Sistema Único de Saúde**. 2006. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102006000100025>.

Acesso em: 29 abr.

2016.

PITANGA, Francisco José Gondim. **Epidemiologia, atividade física e saúde**. 2002.

Disponível em:

<<http://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/viewFile/463/489>>. Acesso em: 30 abr.

2016.

TRIVELATO, Gilmar da Cunha. **Efeitos do Mercúrio à saúde e no ambiente**. 2011.

Disponível em: <[http://www.hospitaissaudaveis.org/pdf/Palestra 1a Gilmar da Cunha](http://www.hospitaissaudaveis.org/pdf/Palestra%201a%20Gilmar%20da%20Cunha%20Trivelato.pdf)

Trivelato.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2016.

BRIZ, Teodoro. **Epidemiologia e Saúde Pública**. 2009. Disponível em:

<[http://www.ensp.unl.pt/dispositivosde-apoio/cdi/cdi/sector-de-publicacoes/revista/2000-2008/pdfs/volume-25-anos/03 aniv.pdf](http://www.ensp.unl.pt/dispositivosde-apoio/cdi/cdi/sector-de-publicacoes/revista/2000-2008/pdfs/volume-25-anos/03%20aniv.pdf)>. Acesso em: 28 abr. 2016.

TAMBELLINI, Anamaria Testa; CÂMARA, Volney de Magalhães. **A temática saúde e ambiente no processo de desenvolvimento do campo da saúde coletiva: aspectos históricos, conceituais e metodológicos**. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/csc/v3n2/7150.pdf>>. Acesso em: 29 abr. 2016.

<<http://www.scielo.br/pdf/csc/v3n2/7150.pdf>>. Acesso em: 29 abr. 2016.

VIGILÂNCIA em Saúde Pública. Disponível em:

<http://portalses.saude.sc.gov.br/arquivos/sala_de_leitura/saude_e_cidadania/ed_07/08_08.html>. Acesso em: 29 abr. 2016.